FAMÍLIA E INCLUSÃO: CONSTRUINDO AMBIENTES EDUCATIVOS SENSÍVEIS E COLABORATIVOS

Patricia Furtado da Silva[1]
Rosemiro da Silva[2]
Elizabeth Regina Streisky de Farias[3]

O debate contemporâneo acerca da educação inclusiva convoca a comunidade científica e os profissionais da educação a repensarem as bases estruturantes das práticas pedagógicas escolares. Longe de se constituir como um atendimento restrito ou compartimentado a determinados públicos da educação especial, a inclusão escolar passa a ser compreendida como um princípio político, ético e pedagógico que afeta a totalidade da organização escolar e exige transformações profundas no cotidiano das instituições de ensino.

Nesse cenário complexo, a relação entre escola e família emerge não apenas como um canal de comunicação burocrática ou informativa, mas como uma dimensão constitutiva e indissociável dos processos de escolarização e desenvolvimento humano.

A problemática que mobiliza este estudo parte da constatação de que, historicamente, as interações entre as instituições educativas e os responsáveis pelos estudantes têm sido marcadas por assimetrias, culpabilizações recíprocas e por visões fragmentadas que desconsideram o contexto sociocultural e as redes de significação nas quais os sujeitos estão imersos. Com frequência, as dificuldades manifestadas pelos estudantes no cotidiano escolar sejam de ordem cognitiva, relacional ou comportamental são interpretadas sob uma ótica estritamente individualizante e patologizante.

[1] Mestrando do PROFEI da Universidade Estadual do Paraná; patrícia.furtado.unespar.t5@gmai.com

[2]Mestrando do curso PROFEI da Universidade Estadual do Paraná rosemiro.silva.unespar.t5@gmai.com

[3] Professora orientadora: Dr em Educação, UEPG – Profª PROFEI Elizabeth.farias@unespar.edu.br

Diante desse panorama, o estudo problematiza: de que modo a participação dos responsáveis, mediada por espaços sistematizados de escuta e diálogo, pode contribuir para a ampliação da compreensão docente e para a construção de práticas pedagógicas mais responsivas à variabilidade dos estudantes? A justificativa desta pesquisa reside na urgência de superar tais reducionismos, reconhecendo que a parceria dialógica entre professores e famílias constitui um catalisador potente para a mediação qualificada e para o enfrentamento das barreiras à aprendizagem e à participação.

Para dar sustentação investigativa a essa problemática, o objetivo geral do estudo consiste em analisar de que modo a participação de responsáveis, em contexto de grupo focal, amplia a compreensão docente sobre os processos de aprendizagem e subsidia a construção de estratégias pedagógicas mais inclusivas.

Como desdobramentos específicos, busca-se: a) mapear os sentidos e significados atribuídos pelas famílias às experiências escolares de seus filhos; b) tensionar práticas pedagógicas naturalizadas que segregam ou limitam a participação discente; e c) evidenciar a corresponsabilização como eixo orientador de práticas educativas humanizadas.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental. A produção de dados estruturou-se a partir de grupos focais realizados com os responsáveis, guiados por questões norteadoras voltadas ao engajamento, à participação e ao cotidiano escolar.

O aporte teórico que fundamenta a análise articula a ética do cuidado à perspectiva histórico-cultural que compreende o sujeito como constituído nas relações sociais e culturais, sendo o contexto o elemento central no desenvolvimento da linguagem e dos processos superiores em interlocução direta com os princípios do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), que postulam a variabilidade discente como premissa nortear do planejamento pedagógico.

Os resultados parciais e analíticos deste percurso indicam que a institucionalização de espaços coletivos de escuta sensível possibilita a explicitação dos sentidos parentais, tensionando concepções cristalizadas e expandindo o repertório interpretativo dos professores. Evidencia-se, assim, que a aproximação dialógica entre escola e família atua diretamente na reorganização das práticas pedagógicas, deslocando o foco de explicações

reducionistas para abordagens relacionais que qualificam a resposta educativa frente à diversidade.

METODOLOGIA

O presente estudo pauta-se em uma abordagem qualitativa de caráter investigativo, modalidade que se mostra eficaz para a compreensão dos fenômenos educativos e sociais em sua complexidade, priorizando os significados, as percepções e as interações humanas que emergem no cotidiano escolar. A pesquisa qualitativa permite examinar as dinâmicas subjetivas e relacionais que constituem a prática pedagógica, valorizando o contexto e a voz dos sujeitos envolvidos.

O campo da pesquisa compreendeu uma escola pública de ensino fundamental, envolvendo os responsáveis por estudantes da instituição. A escolha pelo campo e pelos participantes fundamentou-se na necessidade de investigar a relação entre a escola e as famílias a partir de vivências reais, tensionando práticas pedagógicas naturalizadas e buscando alternativas colaborativas para o enfrentamento de barreiras à aprendizagem e à participação.

Para a produção dos dados, o percurso metodológico estruturou-se em etapas articuladas. Inicialmente, realizou-se uma reunião de alinhamento e apresentação da proposta com a equipe escolar, socializando os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos e a centralidade dos princípios do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) como base para a reorganização das práticas pedagógicas.

A participação da equipe escolar contribuiu para o fortalecimento da proposta, possibilitando ajustes a partir da realidade da instituição e favorecendo o estabelecimento de uma relação colaborativa entre a pesquisadora e os profissionais da escola, o que se refletiu no acompanhamento das atividades e na troca constante de informações sobre o contexto da turma.

A técnica central de produção de dados com os responsáveis foi a realização de reuniões pedagógicas estruturadas nos moldes de rodas de conversa inspiradas na técnica de grupo focal. Esta ferramenta metodológica qualitativa destaca-se pela capacidade de captar, entre os participantes, percepções, sentimentos, ideias e crenças compartilhadas, propiciando a compreensão de diversos pontos de vista e processos emocionais decorrentes do próprio contexto de interação grupal.

Os encontros foram guiados por um roteiro de questões norteadoras voltadas ao engajamento, à participação e às vivências dos estudantes no cotidiano escolar.

A organização dos instrumentos metodológicos seguiu uma lógica intencional, articulada aos pressupostos da pesquisa colaborativa e à necessidade de ampliação do olhar docente sobre a diversidade comportamental e cognitiva na sala de aula. O processo investigativo dialogou permanentemente com os sujeitos da comunidade escolar, subsididando o planejamento pedagógico e orientando a escuta sensível.

No que tange aos aspectos éticos da pesquisa científica com seres humanos, o estudo observou rigorosamente as diretrizes e normas regulamentadoras vigentes, assegurando a integridade, o sigilo, o anonimato e o respeito aos participantes. Adicionalmente, ressalta-se que foram cumpridas todas as exigências legais e institucionais relativas ao direito de uso de imagem e voz, garantindo a salvaguarda dos registros obtidos durante o processo investigativo.

Para o tratamento e análise do material empírico produzido, adotou-se a perspectiva da análise de conteúdo, buscando categorizar e sistematizar os achados de modo a evidenciar as reflexões, os tensionamentos e os desdobramentos práticos proporcionados pelos espaços dialógicos entre escola e família.

REFERENCIAL TEÓRICO

A trajetória teórica que fundamenta este estudo articula-se a partir da compreensão de que a educação inclusiva não se reduz a uma adaptação pontual de recursos ou a um atendimento especializado isolado, mas constitui-se como um paradigma político, ético e epistemológico que demanda transformações radicais na cultura, nas políticas e nas práticas escolares. Para situar o eixo condutor desta investigação, o referencial teórico apoia-se na interseção entre a Perspectiva Histórico-Cultural, os princípios do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e a Ética do Cuidado.

Na matriz da Perspectiva Histórico-Cultural inaugurada por Lev Vygotsky e desenvolvida por seus interlocutores, como Alexei Leontiev, o desenvolvimento humano é concebido não como um desdobramento puramente biológico ou endógeno, mas como um processo de apropriação da cultura mediado pelas interações sociais. Vygotsky postula que a aprendizagem puxa o desenvolvimento, sendo a mediação semiótica e instrumental o motor da constituição das funções psicológicas superiores. Nessa acepção, o contexto sociocultural, a linguagem e as relações interpessoais exercem papel central na gênese do psiquismo.

A partir dessa lente teórica, a relação entre escola e família deixa de ser interpretada como um apêndice burocrático e passa a ser reconhecida como um nexo constitutivo indispensável. O desenvolvimento da criança ocorre em redes de significação partilhadas; logo, a articulação dialógica entre o espaço doméstico e o espaço escolar torna-se vital para a construção de sentidos sobre a escolarização.

Como aponta a literatura da área, a superação de visões patologizantes e individualizantes que recaem estritamente sobre o estudante diante de dificuldades de aprendizagem ou de comportamentos desafiadores exige que a escola adote uma leitura relacional e contextualizada da diversidade humana.

Afinal, as práticas pautadas em modelos puramente clínicos de compreensão da deficiência frequentemente sustentam a produção do capacitismo, que adentra o campo da educação

> [..] através de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no capacitismo discriminam-se pessoas com deficiência. (MELLO, 2016, p. 3266).

Para dar concretude pedagógica a essa perspectiva e combater tais barreiras, o estudo dialoga com os pressupostos do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). O DUA propõe que o planejamento pedagógico seja concebido desde a sua origem considerando a ampla variabilidade dos estudantes, e não as necessidades de um aluno médio idealizado.

Ao estruturar-se em três princípios fundamentais múltiplos meios de engajamento, múltiplos meios de representação e múltiplos meios de ação e expressão, o DUA combate as barreiras arquitetônicas, atitudinais e curriculares antes mesmo que elas se convertam em obstáculos intransponíveis para a participação discente. A flexibilização dos meios didáticos assegura que o estudante com comportamentos desafiadores, o aluno com deficiência e toda a diversidade da turma encontrem pertencimento e condições efetivas de apropriação do conhecimento.

Adicionalmente, a fundamentação teórica corrobora-se por meio da Ética do Cuidado. Conforme defende Kittay (2011), o desenvolvimento de uma ética do cuidado busca operar de modos distintos, demonstrando como e onde essa dimensão é fundamental para além das relações estritamente interpessoais. A ética do cuidado resgata a centralidade da empatia, da escuta sensível e da corresponsabilização nas práticas educativas. O cuidado,

nessa perspectiva, não é um ato assistencialista ou passivo, mas uma práxis relacional que reconhece o outro em sua alteridade e dignidade.

A aliança entre escola e família, mediada por uma escuta ética e horizontal (como nos grupos focais), consolida um tripé de sustentação — Escola, Família e Estudante — capaz de gerar previsibilidade, segurança emocional e suporte coletivo, protegendo e fortalecendo tanto os discentes quanto os docentes frente aos desafios cotidianos da inclusão escolar

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sistematização dos dados empíricos, oriundos da roda de conversa estruturada nos moldes de grupo focal com os responsáveis, viabilizou a construção de categorias analíticas capazes de expressar com rigor as reflexões, os tensionamentos e os desdobramentos práticos do diálogo coletivo. Em atendimento às diretrizes da pesquisa científica, a articulação entre os achados empíricos e o aporte teórico confere inovação e solidez às análises sobre as práticas educativas e a diversidade.

Para a visualização e sistematização dos dados, o Quadro 1 sintetiza as principais categorias analíticas, os eixos de discussão e os respectivos recortes empíricos e teóricos:

Quadro 1 – Síntese das categorias analíticas, achados empíricos e diálogo teórico.

Categoria Analítica	**Achado Empírico Principal (Vozes do Campo)**	**Diálogo Teórico e Articulação**
1. Da Lógica Clínica à Prática Inclusiva	*"Quando se fala em inclusão, a gente pensa no autista, no cadeirante mas, como você explicou, aquele que é mais sapeca também precisa ser incluído."*	Transição do modelo médico/clínico para o modelo social da diversidade, corroborando com Mantoan (2015) e Ainscow (2009) ao abranger a totalidade dos estudantes.
	Evidenciou-se a superação do isolamento profissional	A mediação institucional e o suporte coletivo como eixos

2. Superação de Barreiras e Apoio Coletivo Docente	frente à complexidade da inclusão por meio do suporte colaborativo da equipe.	fundamentais para validar a intenção pedagógica e fortalecer a atuação docente.
3. Pertencimento e Variabilidade Humana	*"Cada um tem um jeitinho"* (mãe participante).	Reconhecimento da variabilidade humana como pressuposto do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e fomento à empatia coletiva.
4. Ética do Cuidado e Aliança Escola-Família	*"Esta menina que tem um comportamento difícil… é uma forma de ela dizer: eu estou aqui. É o jeito dela pedir atenção."*	A Ética do Cuidado como práxis relacional; a família provê o saber da intimidade e a escola o da mediação técnica, consolidando o tripé colaborativo.

Fonte: A autora

A expressão e o diálogo horizontal, viabilizando a apresentação dos fundamentos do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) de maneira acessível e sensível. A presença voluntária de 06 (seis) mães, convidadas pela direção da Unidade via aplicativo escolar, resultou em um encontro único de cerca de 90 minutos guiado por roteiro semiestruturado. O registro em áudio, autorizado mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e complementado por diário de campo, garantiu a fidedignidade das transcrições.

A qualidade e a profundidade das manifestações revelaram-se cruciais para a captação de nuances sobre o problema em exame, sob uma postura de mediação sensível da pesquisadora. Os princípios do DUA, abordados de forma funcional, auxiliaram no suporte

diário aos filhos e desconstruíram a ideia de que a inclusão restringe-se a laudos médicos formais.

O espaço configurou-se como um momento formativo e de sensibilização, em consonância com Cassano (2022, p. 132), que aponta a essencialidade do fortalecimento de vínculos com as famílias. Atendendo às recomendações de Trad (2009), a oferta de um lanche ao final assegurou um ambiente acolhedor, propício ao estreitamento de laços e ao apoio mútuo.

A investigação revelou uma evolução significativa na compreensão da inclusão escolar por parte dos responsáveis. Inicialmente restrito a uma visão clínica e a diagnósticos fechados, o discurso familiar tendeu ao modelo social após o contato com as premissas do DUA, reconhecendo que a diversidade comportamental e as singularidades fazem parte do cotidiano escolar. A fala de que alunos com comportamentos desafiadores chamados de "sapecas" são sujeitos de direito evidencia essa ressignificação.

Esse movimento reflexivo também alcançou a prática pedagógica, revelando as inseguranças e a solidão que por vezes atravessam o exercício docente. O suporte coletivo e institucional emergiu como elemento vital para validar as intervenções planejadas. Da mesma forma, o reconhecimento das singularidades ecoou nas crianças, cuja empatia manifestou-se diante das atividades propostas.

Quando o DUA oferece a estrutura pedagógica e a Ética do Cuidado provê o suporte emocional, o tripé formado por Escola, Família e Estudante consolida-se, garantindo uma rede de segurança que ampara tanto o discente quanto o docente na efetivação de uma escola inclusiva e acolhedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo permitiu evidenciar que a relação entre escola e família constitui um pilar incontornável para a efetivação de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas. A investigação demonstrou que a criação de espaços sistemáticos de diálogo e escuta sensível materializados na roda de conversa estruturada com os responsáveis tem o condão de desconstruir visões fragmentadas e estigmatizantes, favorecendo uma leitura relacional e contextualizada da diversidade no ambiente escolar.

Como prospecção para a aplicação empírica na comunidade científica e educacional, aponta-se a urgência de que as instituições de ensino institucionalizem momentos formativos

e dialógicos com os responsáveis, integrando-os ativamente ao projeto político-pedagógico e superando as barreiras atitudinais. O uso articulado dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e da Ética do Cuidado provou ser um caminho potente para subsidiar o hacer pedagógico e fortalecer a corresponsabilização.

Diante dos achados, abre-se a oportunidade e a necessidade de novas pesquisas no campo da atuação docente e da educação inclusiva, especialmente no que tange ao desenvolvimento de metodologias colaborativas que envolvam as famílias na coconstrução de acessibilidade pedagógica. Dessa forma, dialogando com as análises teóricas e empíricas referidas ao longo do trabalho, conclui-se que a aproximação dialógica entre escola e família qualifica a resposta educativa frente à diversidade, garantindo o direito de aprender e o sentimento de pertencimento a todos os sujeitos da comunidade escolar.

Palavras-chave: Inclusão escolar; Relação escola-família; Desenho Universal para a Aprendizagem; Práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. **The development of inclusive education systems**: what role for research? Journal of Educational Change, v. 10, n. 2-3, p. 109-118, 2009.

BAPTISTA, C. R. et al. **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CASSANO, R. **Família e escola**: parcerias na educação inclusiva. São Paulo: Cortez, 2022.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

MELLO, A. G. de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016

TRAD, L. A. B. Grupos focais em pesquisa qualitativa em saúde: debates, reflexões e desafios. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**, v. 12, n. 3, p. 77-89, 2009.

Kittay, Eva Feder. **Learning from my daugther: the value and care of disabled minds**. 1º ed. New York, Ny: Oxford University Press, 2019